

## DIÁRIO DE UM VICIADO EM BBS

Tim Maroney

Por já algum tempo, as BBS (Bulletin Boards Systems - Quadros de Avisos Eletrônicos) e redes on line tem se afirmado como a mais recente e maior forma das pessoas comunicarem-se entre si e discutirem seus assuntos preferidos. Na última contagem, haviam mais de 200 BBS nos Estados Unidos, inteiramente devotadas à discussão de mágica, o culto, Neo-Paganismo e outras variedades de espiritualidade alternativa. Em acréscimo, existem vários grupos de discussão on line disponíveis na USENET, Compuserve, e outras redes internacionais. Mas será que este palavrório digital realmente conduz a algo proveitoso? A seguinte 'confissão' feita por um dos primeiros participantes, fornece uma visão mais sóbria das discussões on line.

Em 1982, quando comecei a utilizar redes de computadores, estas me pareciam ser a maior das invenções da humanidade. Eu havia acabado de me formar na Universidade, onde havia me divertido muito escrevendo artigos humorísticos, críticas e artigos opinativos incendiários para os jornais do colégio. Eu gastava a maior parte do meu tempo no endereço "net.religion", da USENET, participando das infundáveis discussões sobre diferenças doutrinárias irreconciliáveis. Uma vez que isto se situava no topo do poder da direita religiosa, assumi como minha missão lutar contra os seus representantes naquele meio. Eu também escrevi intensamente sobre ocultismo e paganismo, que (naquela idade super-confiante dos vinte anos) pensava que compreendia perfeitamente bem.

Um ano e meio depois, os cristãos de ala direita, que bancavam o meu departamento de ciências da computação me baniram da USENET. Então busquei refúgio numa escola mais liberal, e ao mesmo tempo descobri o RELIGION SIG, da Compuserve, que apresentava um estilo rude e competitivo que eu apreciava. Lá, entrei com um pedido ao sysop para criar uma seção de metafísica, que ainda existe. Na escola, criei um serviço de mensagens da Internet sobre religião esotérica, o "New Age Digest", que viveu por cerca de 3 anos e 40 edições. Embora houvessem algumas discordâncias gentis, o tom permaneceu amigável e respeitoso. Nunca tive de erguer a mão ou fazer alguma ameaça. Ainda não estou certo como foi que isto aconteceu!

Entretanto, o gerenciamento das oscilações do endereçamento UUCP estava sendo muito cansativo e finalmente, transformei a lista de mensagens em um grupo de discussões públicas na USENET, "talk.religion.newage." Neste novo formato não exigia muita manutenção. Os discípulos de Ramtha e de Shirley MacLaine cooptaram o termo 'Nova Era' alguns anos depois, assim o grupo acabou tornando bem menos útil para a audiência a que se dirigia. Atualmente é um tipo de Sedona eletrônica - um paraíso para os afagadores de cristais e malucos de conspirações de UFOS - e a conversa sobre o paganismo e ocultismo está acontecendo em outro lugar.

Dali, segui em direção a discussões inspiradoras na FidoNet, GENie, e BBS locais da Bay Área de São Francisco. Permaneci ativo até 1992, quando decidi entrar num estado permanente de semi-afastamento. Ainda navego um par de redes ocasionalmente, mas pela maior parte do tempo não mais estou conectado. Não ocorreu nenhum único incidente que me fizesse tomar essa decisão. Tristemente, cheguei à constatação de que não mais apreciava esta forma de comunicação. Houveram muitas razões, mas três

foram as mais importantes: a qualidade daquilo que era inserido e escrito geralmente era abismalmente baixa; a combinação peculiar das redes, de interatividade e isolamento social me parecia estimular o que havia de pior nas pessoas (incluindo eu mesmo); e as discussões representavam um gasto enorme de meu tempo.

As redes de computadores parecem favorecer objetivos pluralísticos e fornecer acesso à informação. Publicar algo sem sofrer uma interferência editorial tem um grande apelo para nossos valores Ocidentais de criatividade individual e de iniciativa. Entretanto, tais elevados ideais são difíceis de serem reconhecidos numa Babel computadorizada, uma anarquia completa rude e apessoal de fatos duvidosos e opiniões frívolas. O clima do trabalho em rede não estimula nem tolera uma discussão informada: uma simples divergência de opiniões invariavelmente degenera-se em meras vendetas pessoais. Uma conversa inteligente entre amigos é mais informativa do que um mês gasto em pesquisas como um Diógenes, através da escuridão digital.

'Ainda assim', pensava eu, 'as redes de trabalho ainda são jovens. Elas irão crescer; inevitavelmente irão evoluir suas próprias dimensões sociais.' As estruturas sociais estão evoluindo, mas não aquelas que favorecem o pluralismo. O mundo eletrônico está sendo dividido em enclaves de ideologias onde a única forma polida de expressão é a do sermão para o rebanho, com o uso da mão de ferro do sysop reforçando a opinião popular. Enquanto que os editores nos meios de comunicação mais ordinários, sentem a responsabilidade de apresentar uma variedade de perspectivas, os sysops freqüentemente sente apenas a responsabilidade de manter a paz, normalmente ao ameaçar os dissidentes. Um escritor que não esteja unicamente interessado em alguma área do discurso, e atuando como um advogado ideológico, mas que também esteja engajado na resolução dos problemas do campo, irá ser apedrejado com insultos defensivos pela tribo. O sysop poderá lidar com a perturbação removendo o impulso de auto-defesa do grupo ao reforçar preferencialmente as regras de polidez (a política do 'jogo elegante'). Mesmo quando o sysop não interfere, a intolerância da turba finalmente força até mesmo as almas mais corajosas a se retirarem. Atenas não irá surgir deste tipo de fazenda de criação de gado.

As redes certamente oferecem informações valiosas e no momento certo, mas isto tudo fica enterrado debaixo de falsidade. As redes recentemente espalharam uma piada, afirmando que o escritor visionários Robert Anton Wilson estava morto. Essa estória se espalhou para além de todas as tentativas feitas para contê-la - de fato, as próprias iniciativas em contê-la acabaram sendo elas mesmas suspeitas! Somente aqueles que dispunham de uma janela independente na caixa de Schrodinger da vida pessoal de Wilson foram capazes de descobrir que o gato ainda estava vivo. Talvez isto possa ser considerado como inócuo, mas apenas algumas semanas mais tarde, Robert Shea, o co-autor de Wilson na trilogia *Illuminatus!* realmente veio a falecer. Devido à piada, a notícia de sua morte foi recebida com ceticismo e assim, privando-o da dignidade que cada pessoa merece ao morrer.

Embora piadas deste tipo sejam raras, tipos semelhantes de confusão são mais comuns, porque as redes de computadores não dispõem de uma auto-verificação, do tipo que comumente encontramos nos jornais e revistas. Especialistas auto-indicados em todos os assuntos imagináveis despejam um fluxo constante de informações tendenciosas e

falsas, enquanto que as afirmações verdadeiras frequentemente são engolidas por um dilúvio de correções falaciosas.

Para o mágico e místico, as redes de computadores são uma perda de tempo. O progresso espiritual raramente resulta no ato de preencher nossa mente com um tagarelar fútil. As redes na dimensão do macrocosmo refletem perfeitamente o estado mental turbulento e não-iluminado da humanidade na dimensão microcós mica: um caos irado de pensamentos e imagens incoerentes. O tempo gasto ao tentar vadear essa torrente em busca de uma ocasional pérola de sabedoria num mar de fósforo luminescente seria melhor gasto em uma meditação silenciosa, numa oração, ou mesmo nas pilhas silenciosas de uma biblioteca. O impulso em escrever é muito mais produtivo quando aplicado num diário espiritual ou qualquer outra forma tradicional que permita uma reflexão pacífica.

Os avanços tecnológicos nos deram meios de difusão de informação, como o rádio, televisão e redes de computadores, mas não melhoraram o pensamento ou a expressão humanos. De fato, cada ampliação na faixa de transmissão de dados gerou um declínio dos padrões de análise e crítica. O progresso humano básico somente é possível através da revolução espiritual que vem do interno dos seres. A tecnologia poderá mitigar algum sofrimento humano, mas com maior frequência é utilizada para promover a opressão e a guerra. O poder sempre reflete as mentes daqueles que o usam.

Aqueles que esperam algum crescimento real na magia, gnose, ou no diálogo com esses novos meios de comunicação talvez estejam concordando comigo neste tipo de desapontamento. Dois anos após ter me desligado, estou feliz em ter sido capaz de reclamar a minha vida daquele ilimitado balbuciar dos bytes.

Autor: Tim Maroney  
Gnosis Magazine, n.32 - p.38-39  
Tradução NoKhooja